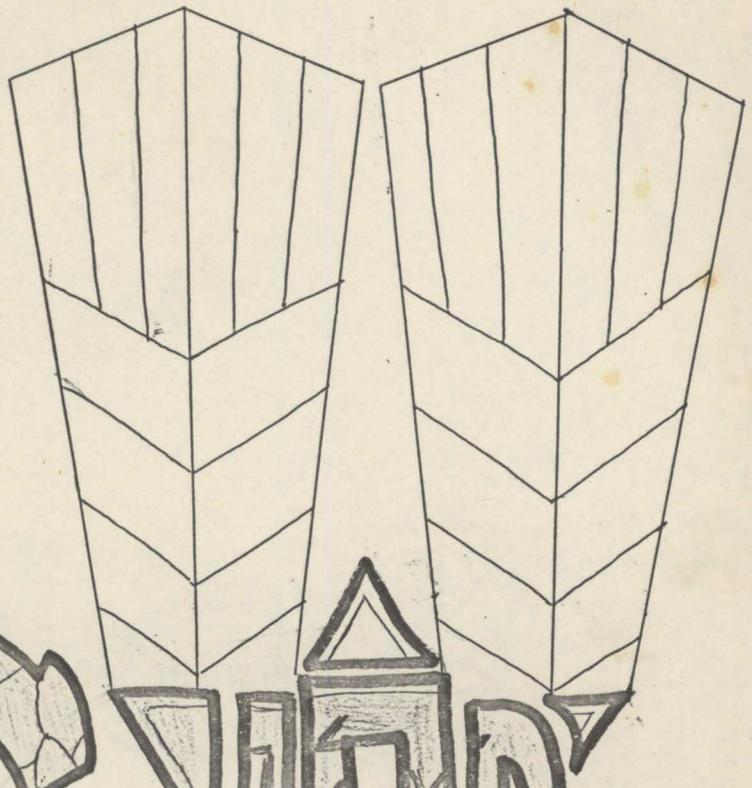


DROR HABONIM - BRASIL

יהד

SET 81

Nº 3



NESTE NÚMERO :

- * GONZAGUINHA, CHICO E MILTON CANTAM A VEIDĀ.
- * AS MAAPILOT E A HADRACHĀ.
- * AHAD HAAM E O BAŪ DA FELICIDADE.
- * PALESTINOS, COMO SER IMPARCIAL ?
- * ... E MAIS UMA AVENTURA DA HANHAGUIX ARTZITX, FEITA PELA ARTISTA DEYSE NHISTA!!

VEJA!

ISTO É o

I A C H A D

ANO I Nº3

* Sob nova direção...

* Sob nova marcha...

* Sob novo breque...

- Num podi sê vendidu sepa-
radamenti das fôia, ki as
letra cai!

- AGITE ANTES DE USAR -

SUNAB 198

- o -

DIRETOR PRESIDENTE
Dr. Ingo Madinho

EDITOR CHEFE
Amaro Tado

SECRETÁRIA
Lurdes Bocada

FOTOGRAFIA
Souza Ponês

ARTE FINAL
Marta Borrão

- o -

CORRESPONDENTES

SSP - Rebeca VII
RIO - Arão Jaotro
POA - Luiz Kanda Lozo
REC - Jegui Jr.
CTBA- Salmo Lenga
BELO- Eva D'Aninha
SALV- Vitor Tura

- o -

VENDAS: Isaias Tito Teixeira

IMPRESSÃO: Honorino Matos

- o -

IALREDATORIALREDATORIALREDATORIALREDATORIALREDATORIALRE
DATORIALREDATORIALREDATORIALREDATORIALREDATORIALREDATOR

É, já nem parecia mais que ia sair, mas aí está o primeiro IACHAD.

Logo no começo da nossa Hanhagã, sentamos e vimos um montão de propostas daquelas que todo mundo gosta de propor, cheias de palavras difíceis, como: "Todo Movimen_ to sempre se expressou e basificou através de um jornal que fosse o seu fôrum de debates e órgão de divulgação. Resolvemos apostar nessa e fazer do IACHAD o "melhor i_ ton do mundo".

Aí tivemos que começar a fazê-lo e a cair na reali_ dade também. Numa primeira olhada já se nota que a quali_ dade gráfica não é a mesma dos últimos. É que o IACHAD e_ ra todo xerocado, e nós por motivo\$ alheio\$ ã no\$\$a von_ de, tivemos que voltar a mimeografã-lo.

Bom, não vai dar para ser xerox? Piça! Vamos pegar todos os artigos que chegarem e fazer um iton feio mas com um tremenda conteúdo, mas...cadê artigos? Aí dê-lhe telefonar prá todo mundo: "Pô, vê se escreve, não sacane_ ia. E nada de artigo chegar, mas a negada toda aí confe_ rindo: "Cumê, cadê o IACHAD? O-que? Ainda não saiu? Também, com o Paulão de Merakez Itonut eu já devia ter adivinha_ do que não ia sair porra nenhuma'.

Aos pouquinhos começaram a chegar artigos, um aqui, outro aí, e de repente já tinha um montão de artigos, e o que é pior, todos bons, e aí ficou fácil e portan_ to aí está para vocês o IACHAD Nº 3.

Pode ser que alguém venha a não gostar; Que um ou_ tro ache-o desinteressante ou, até mesmo não o ache o "melhor iton do mundo", mas, que a gente gostou dêle PRACA, isto gostou !!!

P.S.

P.S.: O P.S. não é P.S., são as iniciais do meu nome. Obrigado !

E D I T O R I A L

O momento é de reflexão. É tempo de transar também a cabeça, numa naice. Está saindo fumaça da cabeça do Dror Habonim, e onde há fumaça, há fogo, a não ser que este seja mais um ditado babaca. " Que este ano de 5742 todos os sonhos sejam realizados " mas só se for só a metade, ninguém vai ficar bravo ... e por faar em ano novo, estamos de snif novo e mesmo que uma coisa não tenha nada a ver com a outra, aproveitamos para mandar um "beatzlachá " pros mineiros, que em silêncio e na moita começaram mandando artigos pro Iachad e, lá em Belô, trouxeram ao snif mais de oitenta | chanichim. Pode-se dizer que a mudança da Gachélet para Dror Habonim em Belô, foi a versão sionista da Inconfidência Mineira. Só esperamos que se faça justiça e que o líder Kibadentes não seja enforcado ...

Ah, agora lembrei, snif novo não tem a ver com ano novo, tem a ver com casa nova. Sim, é isso, é Curitiba que está de roupa nova, ah não, é casa nova. Épa é a casa de Curitiba ou a Hanhagá que é nova ? Já não sei mais, tanta coisa nova. Chega ! de agora em diante o editorial vai ser reacionário ! Então vamu lá: " Bom pessoal, o negócio é o seguinte, nós aqui do Iachad gostaríamos | que todos escrevessem, pois o iton é' de vocês e ... TÁ BOM, EU PARO !

Está difícil escrever, em uma página, um pouco sobre ca da assunto, tipo editorial de jornalista formado. É que, como já disse, é tempo de reflexão, tempo de assumirmos que não é preciso ter certeza, que as dúvidas foram feitas para serem substituídas por outras e assim por diante. Por isto, em vez de fazermos um editorial abrangente, tentamos fazer um iton, um iton de dúvidas.

Pois tem gente questionando hadrachá, procurando respostas palestinas, xingando a mãe da Veidá, tirando a casquinha da ferida amor/sexo na **tnuá**, inventando entrevista com cantor, **enfim**, fazendo o diabo ! E por falar em diabo, já estava mesmo na hora de pararmos de discutir o sexo dos anjos. Será que agora teve a ver ? ...

HADRACHĀ - Minha realização pessoal

X

Dentro da tnuā, a hadrachā ocorre de formas muito diferentes. Comioo foi de um jeito muito especial. Eu peuei hadrachā muito cedo, bem mais cedo do que a minha shichvā. Em compensação eu acho que me realizei com ela.

A base da minha permanência na Tnuā é a realização pessoal que eu encontro dentro dela. Se agente procura se realizar em cada atividade de que exerce, tanto na hadrachā como no trabalho, se realiza mesmo. É claro que a gente não pode ficar nisso. A retribuição que a tnuā oferece é essencial, principalmente por ela ser imediata. Tu tã dando e recebendo ao mesmo tempo. Após quase dois anos de hadrachā, eu posso dizer com segurança, que se pudesse escolher, pegaria hadrachā mais cedo outra vez.

Como é doce o sabor da realização, quando se vê um trabalho acabado. Não que um trabalho seja significativo só quando se vê o sucesso dele a olhos claros. Qualquer trabalho que tenha sido feito de bom gosto e com bom senso é válido. A coisa que mais me deu força para eu continuar em hadrachā foi o bom andamento da minha primeira kvutzā.

Hoje eu estou com uma shichvā maior (solelim velhos) e acho que é tão importante quanto pegar uma kvutzā de tzofim. É claro que o trabalho é bem mais amplo e deve ser levado em um maior nível. Principalmente agora eu posso afirmar que a gente aprende muito em hadrachā, não só pelos chuguim e prē-chuguim, é com os chanichim mesmo.

Para acabar, eu sō vou citar uma frase que qua'quer madrich do ano passado aqui no snif (maapilim) jã sabe de cor. É assim: "Para saber madrich não precisa nada de especial. Apenas criatividade, bom sendo e boa vontade." Vide Seu Paulão (ex-merakez chinuch)

LAURA

Maapilā-Porto Alegre

Obs. Paulo.: Corrige algum erro pois eu tive de fazer isso rápido. Pede pros Madrichim de Solelim Velhos escreverem sobre as tochniot.

"Brigado" Um beijão

- o o o -

O que é ser madrich hoje em dia ?

Que bom seria se todos os "madrichim parassem um pouco e pensassem um pouco em como está sendo o seu trabalho. Mas isto seria pedir muito, pois hoje em dia (fruto da vida que levamos) ninguém tem tempo para pensar.

Todos são alunos, todos são filhos, todos são amigos, e todos são madrichim... Sō que se esquecem que são alunos porque foram postos na escola; são filhos porque nasceram e tem pais; são amigos porque na sociedade que vivemos "é legal" quem tem amigos, mas, são madrichim por que gostam, são madrichim porque querem e por decisão própria. Mas será que hoje em dia é assim? Bem, eu acho que não. Acho que ser madrich "se desviou" um pouco do que deveria ser. Hadrachā vira "status". As pessoas jã não são mais madrichim por amor, ou pelo menos esqueceram-se disto.

O trabalho, hoje em dia está muito restrito. Todos estão restritos a um pequeno espaço de tempo para trabalho. Inconsciente (ou não) fazemos tudo rápido, preparamos peulā rápido, conversamos pouco com os chanichim, nos divertimos pouco com eles. Um trabalho com amor e vontade e com liberdade seria o suficiente (mas na nossa situação isto soa como utopia).

Enfim: Como é ser madrich hoje em dia ?

MÁRCIA

Maapilā-São Paulo

10 (ou último !) de uma série sobre a influência sócio-política da Hadrachã na criação de aves finlandesas ...

Não pretendo, com este artigo, desenvolver uma tese sobre Hadrachã ... E é assim que começam as "teses"...

Só que eu realmente não vou desenvolver nenhum tratado. Só quero por meio deste simples e verossímil artigo, constatar que...Era! não é nada disso...O problema é que não sei bem como começar. Acho que deve ser pelo começo; então vamos lá. Agora é sério gente; aí vai um dos mais completos e complexos artigos "made in Pelo Horizonte" sobre a influência da Hadrachã nos marcos sociais das criações gaulesas e...É! Também não é sobre Asterix que eu quero falar...

Acho que já enrolei bastante e vocês já devem estar de saco cheio; então, pessoal, vamos falar sério, uai! ...

Tudo começou há uns seis anos (quanto???) atrás quando eu comecei a frequentar um tal de Movimento Juvenil Judaico Gachelet.

Não vou contar nenhum conto de fadas, apesar de que a idéia que se tem e que se sustenta sobre Hadrachã, é um verdadeiro mito, ao ponto de não se considerar gratificante o trabalho nas vaadot, por exemplo.

Realmente considero a Hadrachã uma base para o desenvolvimento de uma tnuã, mas não acredito que ela sôzinha (a hadrachã) consiga sustentar a última. É tudo um processo dinâmico. Um trabalho está interligado a outro, e, cada um isolado de nada vale. Deve-se tirar da cabeça esta idéia de ser a Hadrachã a única função "importante".

Pem, mas como o Paulão me falou para escrever um artigo sobre este tema- psiu! faz de conta que eu escrevi por livre e espontânea pressão- digo, vontade ! ...

Não acredito muito em regras pré-estabelecidas sobre hadrachã. Nunca, por mais que se queira, vai-se poder "moldar" a educação. Não quero (e acho que concordam comigo) que a Hadrachã seja um processo mecanizado, que, ao simples toque de um botão, tudo comece a funcionar "às mil maravilhas". Uma educação pré-fabricada, que se instala no chanich, e pronto...

Ao contrário, o importante em um madrich é saber no momento exato, de acordo com a situação, como agir, ou não saber como agir (e não ter vergonha disso) e, junto com seus chanichim chegar a um consenso. Não acho que o chanich seja o "espelho do madrich" ou coisas afins. Deve-se tentar ao máximo não influenciar o jovem, deixar que ele descubra o caminho e que se "edifique" com suas próprias potencialidades. Não quero dizer que um bom exemplo de madrich não seja importante, mas que o madrich não é, e nem será jamais, o dono de qualquer verdade, nada tem a mais que um chanich, apenas coordena o grupo. O verdadeiro chefe não se impõe como chefe, mas é respeitado como um componente do grupo.

O madrich, deve esperar, não que seus chanichim sejam iguais a ele, mas sim, muito, muito melhores...

Talvez o amor por isto tudo seja o essencial. Ter amor a tudo que se fez, e fazer tudo com dedicação. Sempre tentar se lembrar, que você não é um professor, mas sim, um educador, e há uma grande diferença entre estas duas palavras... (e que você é, acima de tudo, um grande amigo de seus chanichim...)

Esperem, que os resultados virão!

Palavra de madrichã! ...

Por hoje é só, pessoal! ...

ANINHA

Maapilá - Pelo Horizonte

DE NOSSA ENVIADA ESPECIAL, ESPECIALMENTE PARA O IACHAD

"DE QUANDO FUI ASSISTIR A APRESENTAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO PALESTINO"

ou

"QUAL A SEMELHANÇA?"

..."Já no saguão, onde todos esperavam a abertura das portas, a platéia estava étnica e socialmente definida. Famílias e famílias árabes residentes no Brasil, desfilavam trajando roupas belíssimas e jóias do último tipo e é claro, não deixando de observar e comentar o quã apresentável estavam os outros. Eu me senti a vontade, parecia estar em mais uma daquelas promoções de entidades judaicas onde toda comunidade se faz presente.

Mas, se por um lado eu me sentia em casa, havia algo que me fazia sentir bastante inquieto, creio que o velho complexo de perseguição tem algo a ver com isso. Todos pelos quais eu passava, pareciam estar me olhando com uma horrenda cara de mal, como se eu fosse culpado de alguma coisa. E havia tanto ódio e convicção naqueles olhares, que toda minha certeza de ser a vítima e não o réu foi posta em choque.

As portas foram abertas, o salão logo lotou. Na minha frente sentava uma senhora que, mesmo com uma túnica lindíssima, não conseguia esconder os sinais da idade. Eu poderia jurar tê-la visto há alguns anos pedindo esmolas na "Tachaná Mercazit" de Tel Aviv.

Numa das extremidades do palco, a bandeira do Brasil, Noutra, presa por uma fita vermelha, a bandeira da Palestina.

Dentre o público encontrei um colega da faculdade, de ascendência árabe, dos quais eu me identifiquei e curto. Ele, assim como eu, havia rodado nas cadeiras básicas do curso e estava fazendo um novo vestibular, agora para filosofia, e tudo que queria era ver o mundo só um pouco melhor.

As cortinas se abriram, atrás delas Farid Sawan, representante da OLP no Brasil. Todos inclusive meu colega aplaudiram. Sawan discursou. Em seu discurso a palavra chave era "Paz". Para mim foi bastante difícil decodificar a mensagem por ele transmitida, pois parecia que o real significado da palavra "Paz" se perdera na tradução do árabe para o português.

O show começou. Ao longo de toda a apresentação os representantes do grupo folclórico cumprimentavam e eram cumprimentados por todos com um cumprimento bastante conhecido, que consiste em, com o pulso fechado, estender o segundo e terceiro dedos da mão. Coerentemente ou não, ao mesmo tempo batiam continência.

Nos corredores, não paravam de passar mulheres jovens e bem vestidas, com crachas onde se encontravam estampadas as bandeiras do Brasil e da Palestina, e a inscrição OLP. Eram pra mim mais um grupo jovem das Pioneiras ou da Wizo, com um cracha diferente.

Uma senhora de unhas pintadas e cabelo feito, típico fruto de uma sociedade que se alimenta de sangue tentava ensinar a sua filhinha de um pouco mais de quatro anos o "Paz e Amor".

O intervalo veio, e com ele as discussões. Atrás de mim se encontrava um grupo de senhoras deliciando-se com o show. Quase explodi, eu sentia que devia fazê-las compreender que eles, como um povo, tinham todo o direito de ter um Estado, mas que, por interesses internacionais, e mesmo dos próprios governos árabes, eram jogados contra os judeus, que faziam parte do mesmo povo, o povo semita e que eram gente como elas. Foi então que percebi que minha atitude de nada adiantaria, pois aquelas senhoras, como todos os outros que se achavam ali presentes nada mais eram do que peões de um grande jogo de xadrez, não sei se branco ou preto, mas certamente não estavam do mesmo lado que eu.

O show recomeçou. Agora a bandeira palestina se achava desprovida da fita vermelha. Jovens, que pareciam se sentir líderes comunitários, vestiam com orgulho, ao invés de tálboshōt, camisetas com a figura de um "guerrilheiro" palestino, com a inscrição "Palestina, voltaremos".

No palco, os atores apelavam para os sentimentos sanguíneos da platéia. A platéia correspondia emocionada. Os poucos estudantes ali presentes iam embora, assim como no filme operação tunderbolt (Entebbe), que pra mim foi um dos filmes mais tocantes, mas não atingiu em nada os não judeus presentes. O show ia chegando ao seu final. A última apresentação: Al Mukauma, a evolução e as transformações do povo palestino através de sua história. No palco, os palestinos trabalhavam na terra da qual seriam expulsos por soldados por estrelas de david no braço e no peito. Eram torturados, mortos juntos com suas crianças, suas mulheres eram estupradas, mas eles se levantavam e empunhavam armas contra o opressor. A platéia delirava. Eu via no palco exatamente a mesma história que me havia sido contada, só que com uniformes trocados. A platéia estava tão segura da legitimidade daqueles fatos como eu estava daqueles que me havia contado. O interessante é que, para o bom historiador, seria fácil perceber pela maneira dos atores de empunhar a enxada e a metralhadora, que a afinidade com o segundo instrumento era muito maior.

O final grandioso, os membros do grupo folclórico trajando uniformes de guerrilha, empunhavam a bandeira palestina, e cantavam o hino de sua terra. O público, emocionado, canta junto. Quase ninguém sabe a letra

do hino. Os mais velhos cantam, os mais jovens acompanham com sons vocais que pretendem alguma semelhança com o hino. E para mim aĩ estava o ápice do espetáculo. Eu me sentia em pleno miƒkad, cantando techezakna e astean do a bandeira do movimento sionista.

Meu Deus, eu não quero ser mais um peão ...

PENICO

Magshim - Porto Alegre

NOTA: O presente artigo foi utilizado pelo chaver, que é o Merakez Chinnuch haSnif, em uma das Asseifot Klaliot que são realizadas semanalmente, aos Domingos à tarde, no Snif Porto Alegre com o objetivo de aprofundamente ideológico, e que contam com a presença quase que total dos chaverim das shichavot boqrot.

A referida Asseifã, cerou um debate acirrado, sobre a própria essência e validade da Tnuã, e a discussão desenrolou-se por um longo tempo trazendo ao fim, na opinião dos chaverim, bons frutos.

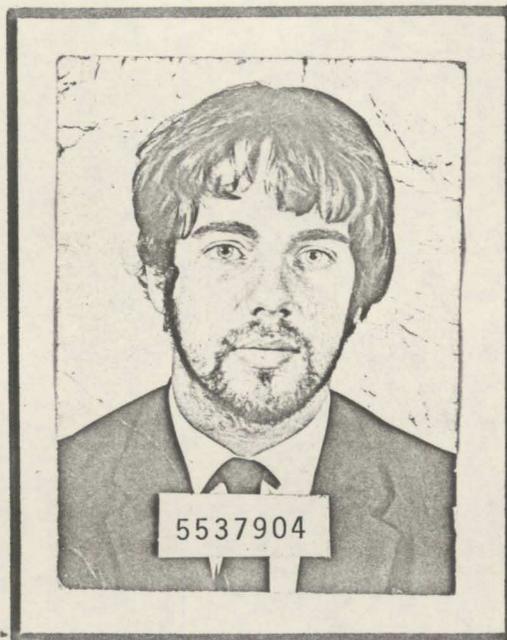
Esperamos continuar recebendo os temas das Asseifot e, se possível, também as resoluções.

Vaadat Itonut Artzit

PROCURADOS



BORREGA TUNO



PAULO GRADOR

VIVOS ou Mortos!

RECOMPENSA : 1.500 HABOS

(Gentilmente cedidos pela família Seligman)

Qualquer informação que facilitar a localização do paradeiro destes dois punquistas, favor informar diretamente ao Delegado.

Dr. SÉRGIO MILTON ELADAS



"O defensor dos frascos e comprimidos"

ACORDA CHAVER!!!

ou

EU TAMBÉM SOU FELIZ!!

GRUPO REALIZADOR, CONTANDO COM EXCELENTES
JOVENS CONSCIENTES MAS DESILUDIDOS:.....
PROCURA: SENTIMENTO ; ÂNIMO ; AMOR ;/////

Acho que vivemos numa sociedade que se aproxima lentamente da implosão. Esta sociedade consegue no seu dia a dia aumentar geometricamente a carga de frustração das pessoas e chega a castrar os processos de reação.

Existem porém, em alguns lugares, pequenas sociedades nas quais questionam-se os valores e as idéias impostas pela máquina educativa, que procuram resistir à massificação através de um desenvolvimento do senso crítico e que acima de tudo (e talvez aí esteja o seu grande mérito) tem como grande meta o estabelecimento de alternativas concretas, tem um marco realizador.

Dentre estas sociedades, distinguem-se aquelas que despertam em seus membros sua identidade pessoal, grupal, social.

Mas o que eu acho mais bonito e importante é a sua característica principal: JUVENIL, ou seja, feita por jovens, para jovens. Uma sociedade juvenil não apresenta respostas, soluções; não tem fórmulas mágicas e definitivas - O que sim tem, é uma enorme vontade e determinação de se questionar as respostas, as soluções, fórmulas; tem o grande e emocionante caminho da procura: procura da felicidade individual ou grupal, através da identificação com o "ser judeu", com a "justiça social", com a "liberdade-igualdade-fraternidade".

O "juvenil" nesta procura, dá feições próprias. Ser juvenil implica em dúvidas, questionamento, insegurança e imaturidade (pelo menos é rotulada pela sociedade).

Ou seja, nem sempre os caminhos e as formas são as corretas, os tropeços são enormes e contínuos, as desilusões são constantes. Mas ser jovem significa ter perseverança, insistir, acreditando no global, nas idéias, no movimento, no movimento juvenil.

Hã aqueles que estão desiludidos com os caminhos do movimento juvenil sionista e humanista, gostaria de avisar e alertar para que não esperem nunca respostas ou soluções absolutas para os nossos problemas; participem sim na busca, na procura, "no tentar".

TNUĀ ē realização; realização significa consciência, questionamento e luta pelas idéias. "Lavar as mãos" ē conformismo, ē fuga.

Aos que acham que a tnuā tem que fechar, ou parar, gostaria de solicitar a colaboração para que não cheguemos nunca a inexistência, ao vazio, ao conformismo, A VELHICE.

PIU-PIU

Boger- Hanhagā Artzit

P.S.- VAI AT UM ABRAÇÃO ... pro meu pessoal da Tocantins!!!

Em Setembro

SHLICHUIOT DA
HANHAGĀ ARTZIT
p/todos os estados

CHICO EUARQUE , GONZAGUINHA E MILTON NASCIMENTO NA VEIDÃ ?

A I O U E V E R G O N H A !!!

EU - E aĩ Chico, o que você achou da Veidã ?

CHICO - "Jã passou, jã passou, se você quer saber, jã sarei, jã curou, me pegou de mau jeito mas não foi nada, estancou, jã falei, jã passou."

EU - O que você achou das teses apresentadas ?

CHICO - "Se tu falas muitas palavras sutis, se gostas de senhas e sus surros ardis, a lei tem ouvidos prã ti delatar, nas pedras de seu prõprio lar."

EU - Qual a sua opinião para tal fato ter ocorrido ?

CHICO - "De muito gorda a porca jã não anda, de muito usada a faca jã não corta, como ē difícil abrir a porta, esta palavra presa na garganta; este pileque homérico no mundo, de que adianta ter boa vontade, mesmo calado o peito resta a cuca dos bêbados do centro da cidade."

EU - E você Milton, tã muito desiludido ?

MILTON - "O que foi feito amigo de tudo que a gente sonhou, quisera encontrar aquele verso menino que escrevi, hã tantos anos atrás; falo assim sem saudade, falo assim por saber, se muito vale o jã feito, mais vale o que serã, e o que foi feito ē preciso para melhor prosseguir; falo assim sem tristeza, falo por acreditar que ē cobrando o que fomos, que mais podemos crescer, outros outubros virão, outras manhãs plenas de sol e de luz."

EU - E você Gonzaga, tem algum recado para dar ?

GONZAGUINHA - "É viver e aprender, vã viver e entender malandro, vai compreender, vai tratar de viver."

EU - Deste jeito dã pra perder a esportiva nē ?

GONZAGUINHA - "Chega de tentar dissimular e disfarçar e esconder, o que não dã mais prã ocultar, e eu não posso mais calar."

EU - E você Chico, fazendo uma análise mais detalhada o que gostaria de dizer ?

CHICO - "O que eu quero lhe dizer ē que a coisa aqui tã preta, muita careta prã engolir a transação e a gente vai engolindo cada sapo no caminho e a gente vai se amando que também sem um carinho ninguém segura este rojão."

EU - Prã finalizar, algum de vocês gostaria de falar alguma coisa ?

CHICO - "A gente quer ter voz ativa no nosso destino mandar, mas eis que chega a roda viva no nosso destino mandar; a gente vai contra a corrente atē não poder resistir, na volta do barco ē que sente o quanto deixou de cumprir, faz tempo que a gente cultivava a mais linda roseira que hã, mas eis que chega roda viva e carrega a roseira prã lã..."

O ARI É VIADO ! (*)

Manhê, o que que agente faz quando toda nossa ideologia, toda nossa filosofia, educação e convicções começam a nos parecer tão frágeis, por poderem ser "substituídas" por um Amor ? Cumê que fica ??, Já pensou, toda nossa formação ser incompatível com nosos sentimentos ? Qual seria a solução ?? (poxa, é legal usar um monte de pontos de interrogação para mostrar graficamente que estou que é só dúvidas ...) EUREKA ! ! JÁ SEI ! Só me apaixonarei por uma sionista kibutziana. Que tal lhe parece um papo tipo ... " Olha, voce é maravilhosa, nascemos um para o outro, sabe, Eu Te Amo, mas voce não é sionista (MIT A GÖI?), quanto menos kibutziana, intão tchau ... " Tenho minhas dúvidas, por um lado isso pode parecer ri dículo, por outro lado, absurdo.

Talvez da próxima vez que tenhamos que definir a / ideologia da Tnuã, antes de dizermos "Movimento - Juvenil - Sionista - Socialista ", seja por convicção ou puro reflexo condicionado, seria melhor repensar: Épa, tá faltando alguma coisa nessa nossa ideologia.

Demagogia à parte, por que não fazer do amor (e l e tem várias formas, lembra ?) a nossa mais forte bandeira ? Não, esse artigo não é a maquêta do paraíso utópico, não estou dizendo que " todos se amariam, afinal, somos todos irmãos, etc.", afinal, nem todos, apesar do sionismo, fazem aliã ... O que tento colocar é que o Amor está muito à margem das nossas discussões. Se a Tnuã tem que fazer as pessoas felizes ? Sim ! A Tnuã tem, o trabalho tem, a escola tem, os amigos tem. A luta de todos é pela felicidade, mas rada faz feliz, tudo se faz feliz.

Bom, mas é do Amor que eu falava, não mude de assunto. Não acho que a Tnuã tenha que ensinar Amor (quem daria as Peulót?) mas acho que assim como os conceitos de sionismo e socialismo cresceram e se transformaram, através de muito diálogo, debate e coisa e tal, assim tem que acontecer com o Amor, com o valor sentimento , que ninguém é de ferro.

Bem, e aí agente ouve que por aí tem muita gente que acredita que o mundo vive em função do Amor, da transa, da sexualidade das pessoas, e mais que isso, essas pessoas assumem posições / não convencionais, até certo ponto (o infinito) revolucionárias, co mo a Homossexualidade, a bissexualidade ou mesmo a já"manjada" . . .

. . . unisexualidade, sã que de um modo livre, aberto, dando ao / Amor e ao Sexo o seu verdadeiro valor, o seu poder de mudar as coisas, por mais que existam coisas quase que imutáveis, como por exemplo coceira nas costas ou cardápio de beit bogrim . . .

Pois é impossível negar o poder de transformação que o Amor exerce sobre nós, os terrâqueos.

Afinal, se Hertzl estivesse apaixonado por uma nazista e ou Marx pela Greta Garbo, talvez eu estivesse agora na Malásia ou em Uganda, com certeza apaixonada por uma baita crioula.

Bem, aĩ o Merlin leu o artigo e disse que tem um trecho de um ensaio do Eduardo Mascarenhas (psicanalista) que tem tudo a ver com o que eu escrevi. E não é que tem mesmo ? ! !, então aqui vai :

(*) antes um esclarecimento, o nome do artigo é sã pra chamar atenção

" ... O Freud dizia que agente sã pensa quando surge algum problema. Atã aĩ é o óbvio. Mas que esse problema estã sempre direta / ou indiretamente ligado a questões de amor - aĩ é que estã a novidade. Aquele lero da sexualidade ocupar o lugar central dos nossos / sentimentos. E sã problemas sempre, direta ou indiretamente, ligados a sexualidade que fazem agente ficar numas de pensar. Afinal, sexualidade não é sã um ato físico, se bem que busque, em última instância, um ato físico. Sexualidade inclui toda uma gama de sentimentos, encantos e paixões. O que agente gosta, mesmo, não é o enamoramento apenas platônico, mas de um enamoramento que comece e termine no corpo, tipo "eu e minha gata". Muito espírito, mas com muito corpo, saca? Pode ser curto ou longo não importa, mas que seja um enamoramento , principalmente, corporal. O resto é desvio, adiamento repressão. Tudo que agente faz na vida gira, no fundo, em torno da paixão erótica. Se a gente quer grana, beleza, saúde, juventude, liberdade, cultura, notoriedade, poder, tudo é porque agente quer namorar ou, pelo menos, ter a esperança de um dia poder vir a namorar gostoso. O tal do "eu e minha gata" é que move toda economia e toda política. Não é incrível isso ? O petróleo sã tem importância por causa da "minha gata". Os transportes, a alimentação, os remédios, a casa própria sã tem importância por causa dos momentos com a nossa gata. A própria vida física sã é considerada o bem supremo porque mortos não poderíamos nunca mais amar a gata nossa de cada dia. Sã temos filhos para neles continuarmos, de algum modo, amando a nossa gata. Sã nos torramos religiosos para que algum ser superior e todo-poderoso permita que nada de mal aconteça com a possibilida

de de amar a nossa querida gata. A gata, então, move o mundo! É ela, e não o petróleo, que deveria ocupar, diariamente, as manchetes dos jornais. Esse Freud é mesmo incrível. O que importa é o Caderno B. Todo o primeiro caderno é secundário pois apenas conta as peripécias e maquinações, quase sempre trágicas, das questões que, indiretamente, envolvem a gata. E isso não é ser de direita não. É ser freudiano. O próprio Marx dizia que nenhum de nós está realmente interessado no consumo das mercadorias. O que a gente quer é o poder que gera a grana. Milionário detesta Mercedes. Ele gosta é do tcham que a Mercedes lhe dá. E aí ele, às vezes, se esquece disso e pensa que gosta da Mercedes. Só se Mercedes for o nome da sua gata. Daí a luta entre os ricos que querem ficar cada vez mais ricos, com os pobres, que querem, é claro, também ser ricos. Mas ser rico pra quê? Nequinho, fazendo exame de consciência, sabe exatamente pra quê. E vai acabar chegando à gata. Gata para todos, esse sim seria um ideal democrático..."

ARIVOC 1111

Boger - Hanhagá Artzit

Escreva e mande seu artigo pro IACHAD até o dia 15 de Outubro, ou cale-se para sempre!!!

F O I S É R I A A V E I D Ã ?

A resposta de quase todo o mundo é unânime: Não foi ! Resta para nós, que somos hoje um movimento que reúne trezentas pessoas em um congresso nacional, saber porque não foi séria a Veidã.

Dizer que não foi séria por ter sido realizada em um circo não é um argumento dos melhores, mas houve muita gente que usou este argumento. Pode-se dizer também, aí com um pouco mais de razão, que não foi séria porque não foi bem organizada. Em parte é verdade. Apesar de muita gente achar o contrário, disciplina não é um bicho de sete cabeças, nem tem nada a ver com ser autoritário ou anti-democrático. Somos um movimento socialista (peio menos em tese), e socialismo não quer dizer zona total. Um sistema pode ser lindíssimo teoricamente, mas necessita de alguma ordem para que possa funcionar na prática tão bem quanto funciona na teoria. Certo, a veidã não foi bem organizada no seu regimento interno, mas com certeza esta não é a razão principal para que ela não tenha sido séria.

Verdade seja dita, uma boa parte da falta de seriedade partiu da própria Hanhaqã Artzit, que aparentemente estava mais interessada em festas do que em outra coisa qualquer. Nada de pessoal contra os integrantes da Hanhaqã passada, mas uma Veidã Artzit não serve para se fazer um encontro chevratí de todas as shichavot boqrot da tnuã. Para isto poderíamos ter feito um Jamboree, e inclusive todos os chaverim teriam gostado mais.

No fundo no fundo, a falta é de todos nós como chaverim da tnuã. Não se pode esperar que se discutam idéias e rumos de vida numa Veidã Artzit, se não se tem feito isto em cada snif. É verdade, infelizmente, que hoje a tnuã não mais influencia diretamente o rumo da vida de cada chaver. Por isto nós nos voltamos a uma forma individualista de ser, que vai completamente contra toda a educação que pretendemos dar a nossos chanichim, cujo centro está no grupo, na kvutzã. Evolução dos tempos, dizem alguns, hoje a tnuã não pode mais influir na vida dos chaverim, e sim ao contrário. O resultado é que pouco a pouco vamos nos afastando de nossos fins como movimento juvenil sionista socialista. Os meios podem e devem mudar, mas, se os fins mudam, passamos a ser outra coisa, e nada teremos mais a ver com o movimento juvenil que ainda somos.

É um paradoxo, chega até mesmo a ser curioso. Somos o movimento mais forte hoje em dia em toda a América Latina. O que falta a todo este número que tem só é recheio, é conteúdo. Não acho que seja difícil preencher este vazio, contanto que queramos preenche-lo, em cada snif e em cada shichvã, passando a ser um movimento que não é forte só em número e

messibot para a comunidade, mas também em conteúdo ideológico e forma de vida. Temos que tentar ser diferentes da sociedade de fora da tnuã, a qual condenamos. Sõ assim se pode transmitir algo, sõ assim se pode educar.

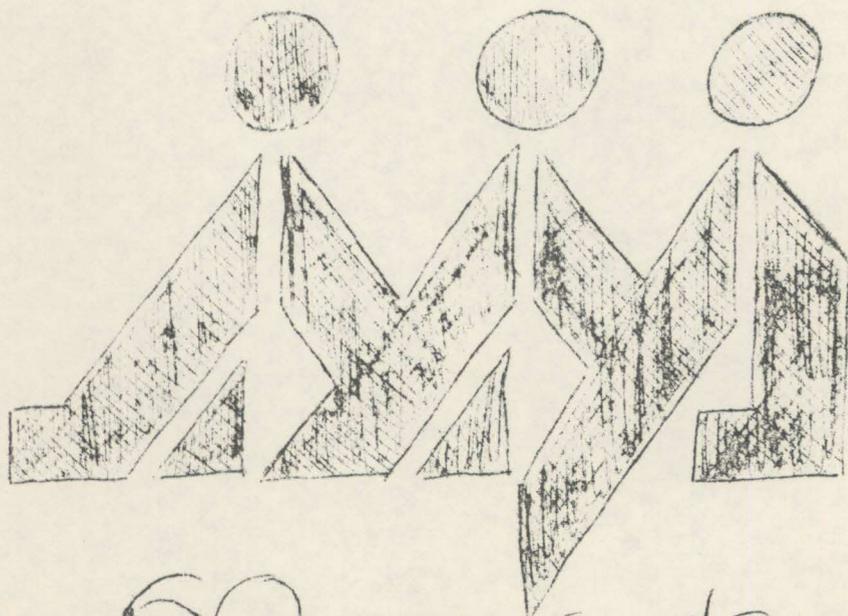
Se nestes próximos três anos a tnuã se direcionar a preencher este vazio, talvez a segunda Veidã Artzit do Dror Habonim do Brasil seja um pouco mais sêria do que a primeira. Não no sentido de ser mais discipli_nada, mas no sentido de que se possam discutir os rumos das vidas de to_dos os chaverim da tnuã, e que estes rumos sejam mais comuns a todos do que são hoje.

Gezer é um passo muito importante neste processo, apesar de não ter sido ~~tratado~~ tratado com a devida importância na Veidã. Não teve a importân_cia devida porque foi tratado como algo que sõ tem a ver com os chaverim que fazem aliã agora. Mas Gezer não é um caminho de vida sõ para aqueles garinim que partem para lã nos próximos três anos. É um caminho de vida para toda a tnuã.

NECO

Boger - Porto Alegre

Parabéns às Pioneiras



60 anos de
carinho e dedicação

U M S N I F S E M B O G R I M

"A ocasião faz o ladrão". Faz a mazkirut também. A necessidade foi, mais que qualquer outra coisa, a causa de pegarmos a mazkirut.

Quando éramos bonim, a mazkirut do snif, que na época contava com dois pré-boqrim, resolveu fazer a experiência de botar os bonim nas vaadot, num sistema de revezamentos. Aconteceu que acabamos por assumir de fato as vaadot e entramos na mazkirut.

Como a tnuã aqui em Salvador carecia de um marco realizador para as shichavot boqrot, estes dois pré-boqrim saíram da tnuã, levando com eles alguns magshimim e maapilim (os que ainda restavam). Em resumo - sobrou nós.

Fomos colocados contra a parede. Ou a mazkirut do snif, ou a assimilação. A assimilação sim, pois no nosso ishuv, que além de pequeno é dividido, só existia como opção judaica a tnuã. Assim, acabamos por assumir também a mazkirut. Qual o chanich que não sonha em alcançar a mazkirut. Pois bem, o nosso sonho tinha sido realizado.

Em pouquíssimo tempo, descobrimos que o sonho era um pesadelo. E pior, estávamos acordados. Por onde começar? O que fazer? Serão que "eles" vão nos ajudar? Vão confiar em nós? Essas eram as perguntas que vinham toda a hora às nossas cabeças.

Mas fomos aos poucos conseguindo responder à maioria delas. A primeira: Porque é que a gente teva na tnuã? A partir do momento em que cada um conseguiu responder a esta pergunta, só aí partimos para as seguintes.

Antes de tudo, necessitávamos conquistar a confiança do ishuv, dos chanichim e dos outros snifimm, para poder contar com o apoio destes e fazer o nosso trabalho. Até hoje acho que ainda existem desconfianças quanto ao nosso trabalho, mas no geral contamos com o apoio necessário.

Aí sim, partimos para o trabalho propriamente dito. Como educar aos chanichim, e como nos educar. Utilizamos conceitos tnuatim e nos próprios conceitos, às vezes até conflitantes, mas só assim chegamos a um consenso.

Daído à nossa inexperiência e despreparo, cometemos muitos erros. Alguns identificados e tentados corrigir, outros nem identificados. Mas só errando é que se aprende. Não há dúvidas, de que um Machon le Madrichim ou um Shnat Hachsharā, nos ajudariam muito em levar adiante o Snif, e a cometermos menos erros, mas sem eles também se teve um snif. A prova somos nós, os mordim do snif Bahia.

VITOR

Mored - Bahia

O CHAVER TNUÁ E O SIONISMO CULTURAL

Certa vez, no século passado, uma entre as várias pessoas que divagavam sobre o futuro do judaísmo, preocupados com o avançado processo de assimilação na Europa, decorrente da emancipação judaica e da outorga de direito de cidadão ao judeu e ainda, alertas a uma possível solução apoiada nos inúmeros movimentos nacionalistas que surgiam aqui e ali, resolveu estudar a questão mais a fundo. Propôs então que a solução para o problema social-nacional judaico devia ser apoiada na adoção de uma pátria para o povo judeu, de onde emanaria toda a criatividade, e que serviria como uma luz para iluminar a cultura judaica, sendo esta dirigida para essa pátria. Esta pessoa foi Achad Haam, e hoje decorridos quase cem anos da época em que foram lançadas estas teorias, creio que podemos imaginar a nossa situação, se a opção cultural tivesse ganhando adeptos na idéia sionista. Estaríamos vivendo de sonhos e nada de concreto teríamos para apresentar ao mundo.

Esse conceito me veio à cabeça quando refletia sobre o papel do boquer na tnuá. Desde que voltei de Israel, preocupado com a tendência que se manifesta na tnuá e talvez, principalmente no snif São Paulo, resolvi estabelecer uma analogia entre estes dois fenômenos.

Não acredito na forma de trabalho que necessita lembrar aos bogrim da tnuá que são parte dela, e que tenhamos de procurar marcos de realização para atrair bogrim para a tnuá. Na minha opinião o boquer é aquele que assume que é boger e que não necessita ser lembrado disso. O boger é antes de tudo um chaver tnuá e como prova disso deve encarar a tnuá não como um divertimento de fim de semana, mas como um objetivo.

Estendendo meu conceito, não somente aos bogrim, mas a toda a tnuá, não acredito também na teoria do "Baú da Felicidade", muito em voga por aqui nos últimos seis meses, e nas pessoas que querem transformar a tnuá num grande centro sócio-cultural, onde cada um trouxesse os objetos de seu interesse para alcançar o divertimento e a felicidade. Somos sim uma tnuá séria e com objetivos, e não um grupinho um grupinho universitário ou um centro sócio-cultural. Nossas atividades devem ser voltadas para os nossos objetivos e não para deixar todas as pessoas felizes e saudáveis. Respeito as pessoas que tem estas idéias, porém que não usem de palavras bonitas e citações

profundas, como tenho visto por aí, para impressionar o "público" e agitar as multidões. Peço a essas pessoas que lutem por estas idéias naturalmente, e não preocupadas em "serem aclamadas pelo povo".

E por fim gostaria que a tnuã refletisse sobre os dois exemplos. O sionismo cultural não deu certo para o povo judeu, e a tnuã deve mirar-se nesse exemplo e não insistir em incorrer no erro de manter contato com milhares de pessoas sem construir nada. Somos o Dror Habonim e temos que ter tantas pessoas quanto o número de CHAVEREI TNUÁ, no mais profundo sentido da palavra.

HELIO

Boguer - São Paulo

ENTREVISTA

Sr. MARCOS ZLOTNIK - PRES. DA CHEVRA KADISHA

"A PERSONALIDADE DO MÊS"

- Sr. Marcos Zlotnik, poderia dar um pequeno histórico de sua vida dedicada à nossa coletividade através da Chevra Kadisha?
- MZ- Comecei minhas atividades na Chevra Kadisha de São Paulo, primeiramente como sócio. Em seguida fui eleito para o Conselho Fiscal, posteriormente tornei-me Tesoureiro e finalmente eleito Presidente.
- Qual a importância da Chevra Kadisha para a coletividade judaica no Brasil?
- MZ- É muito grande. A Chevra Kadisha de São Paulo participa ativa e efetivamente em todas as realizações quer na área social, educacional e em todos os setores culturais da comunidade, além de suas principais atividades que, de acordo com os estatutos, dar sepulturas aos falecidos israelitas, conservar e administrar seu patrimônio e fazer beneficência. Desde que assumimos a Presidência, a Chevra Kadisha iniciou um novo ciclo de desenvolvimento, graças a extraordinária colaboração de meus colegas de diretoria e a cooperação dos Conselhos Fiscais e Deliberativo.
- Qual o significado que Eretz Israel tem sobre o povo judeu?
- MZ- É o ponto de convergência de seus sentimentos, amor à sua tradição e o vínculo que mantém cada vez mais unido o lar nacional judaico, envolvido em paz, prosperidade, e em vivência harmônica com as demais nações.

Aproveito o ensejo para desejar a todos os jovens que cultuam o judaísmo, em nossa terra que o façam sempre com o espírito ligado aos grandes exemplos de brasilidade, tão bem assinalados pelos nossos antepassados e que servem como guia a todos que estão começando a caminhar.



VMA AVENTVRA DA

Hanhaguix Artzit

EM:

VAI...DA?!!

Ilustrações: *Nequerzo*

Texto: *PaulãoCinny*



Suplemento do Iachad
PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE
(Se houver algum trouxa)

© by
Nóis